



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS DRA. JOSEFINA DEMES – FLORIANO / PI
LICENCIATURA EM LETRAS / PORTUGUÊS



AGRETE GOMES PEREIRA DA SILVA

O SERTÃO COMO ESPAÇO DE ENCANTAMENTO E FANTASIA NA *OBRA*
***SERTÃO ENCANTADO* DE JOSÉ PARAGUASSÚ**

FLORIANO / PI

2025

AGRETE GOMES PEREIRA DA SILVA

**O SERTÃO COMO ESPAÇO DE ENCANTAMENTO E FANTASIA NA OBRA
SERTÃO ENCANTADO DE JOSÉ PARAGUASSÚ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Campus Dr^a Josefina Demes, como requisito
para a obtenção do título de graduada em
Licenciatura em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva

FLORIANO / PI

2025

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA GERADA EM:

AGRETE GOMES PEREIRA DA SILVA

**O SERTÃO COMO ESPAÇO DE ENCANTAMENTO E FANTASIA NA OBRA
SERTÃO ENCANTADO DE JOSÉ PARAGUASSÚ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí – UESPI
Campus Dr^a Josefina Demes como requisito
necessário à obtenção do título de graduada
em Licenciatura Letras/Português.

Aprovado em 17 de janeiro de 2025, com nota 10,00 (dez), pela banca examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva
UESPI

Prof. Dr. Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo – Membro Convidado
UESPI

Profa. Esp. Keila Soraia dos Santos – Membro Convidado
SEDUC-PI

Floriano, 2025

Dedico este trabalho à minha mãe, Rita Maria da Conceição Pereira, gratidão por sempre estar me apoiando em todas as fases da minha vida.

“Enquanto houver sonhos, buscarei torná-los realidade”.

-Agrete Gomes

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu criador que me fez nascer mulher, nordestina e sonhadora. Sou muito grata por florescer onde ele me plantou: no nordeste brasileiro. Agradeço a todos que me incentivaram a seguir em frente: meus filhos Alex e Evelyn que são a razão por eu estar sempre buscando novos conhecimentos; meu marido Edinaldo, por estar ao lado me incentivando a concluir meus estudos; aos meus pais, Abrão Gomes e Rita Maria por sempre me ensinarem valores familiares que me fazem ser uma pessoa melhor todos os dias.

Agradeço também ao meu orientador Dr. Luciano Ferreira da Silva, por sua orientação e contribuição na elaboração deste trabalho e a toda comunidade acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Piauí- *Campus*: Doutora Josefina Demes; em especial as minhas amigas Michelle Barros e Diana Chris pelo apoio emocional e participação em minha vida pessoal, o apoio delas foram essenciais para eu continuar essa jornada de estudante e mãe.

Agradeço ainda aos professores da UESPI de Floriano e aos professores supervisores de estágio, foi com eles que tive a oportunidade de conhecer o processo de ensino e aprendizagem na prática; aos demais colegas que esteve comigo nessa trajetória e ao poeta José Paraguassú por sua disponibilidade em me tirar dúvidas a respeito da criação da obra *Sertão Encantado*.

RESUMO

A presente pesquisa analisa como o sertão brasileiro é descrito na literatura, tomando como objeto de estudo a obra *Sertão Encantado* (2023) de José Paraguassú. O trabalho destaca como a narrativa deste livro rompe com a visão tradicional do sertão como cenário predominante de seca e sofrimento humano, apresentando-o sob uma perspectiva de encantamento e fantasia. A pesquisa se justifica pelo fato de o sertão ser um tema recorrente na literatura brasileira e frequentemente associado a estereótipos negativos. Entretanto, Paraguassú oferece uma abordagem diferenciada, ao mesclar elementos da realidade sertaneja com aspectos encantadores, revelando um universo simbólico e poético. A obra, publicada na cidade natal do autor, Floriano, no Piauí, reflete o amor pela cultura nordestina, evidenciando suas tradições, riquezas naturais e costumes. Ao investigar *Sertão Encantado*, pretende-se compreender como a literatura pode ressignificar espaços geográficos e sociais, transformando o sertão em um lugar de fantasia e resistência cultural. A pesquisa aborda questões centrais como: de que forma a obra desconstrói estereótipos sobre o sertão? E quais impactos ela pode ter na valorização da cultura sertaneja? Utilizando uma abordagem descritiva e exploratória, este estudo emprega fontes secundárias e análise qualitativa para examinar as representações do sertão na literatura brasileira e o uso da fantasia como recurso literário. Os objetivos específicos incluem: conceituar o sertão na literatura, analisar sua representação em *Sertão Encantado*, discutir o papel das descrições geográficas na construção de estereótipos e explorar os impactos das obras sertanistas na cultura local. Como contribuição acadêmica, espera-se ampliar o entendimento sobre a relação entre literatura e espaço narrativo, bem como valorizar as identidades sertanejas, promovendo um olhar mais amplo e inclusivo sobre esta região.

Palavras-Chave: Sertão; literatura brasileira; espaço.

ABSTRACT

The present research analyzes how the Brazilian backlands (sertão) are depicted in literature, focusing on the study of the book *Sertão Encantado* (2023) by José Paraguassú. This work highlights how the narrative in this book breaks with the traditional view of the sertão as a predominantly arid and harsh place marked by human suffering, instead presenting it through a perspective of enchantment and fantasy. The research is justified by the fact that the sertão is a recurring theme in Brazilian literature and is often associated with negative stereotypes. However, Paraguassú offers a different approach, blending elements of the sertanejo reality with enchanting aspects, revealing a symbolic and poetic universe. The book, published in the author's hometown of Floriano, Piauí, reflects his love for Northeastern culture, showcasing its traditions, natural riches, and customs. By investigating *Sertão Encantado*, the research aims to understand how literature can reframe geographic and social spaces, transforming the sertão into a place of fantasy and cultural resistance. The study addresses central questions such as: how does the work deconstruct stereotypes about the sertão? And what impacts might it have on the appreciation of sertanejo culture? Using a descriptive and exploratory approach, this study employs secondary sources and qualitative analysis to examine representations of the sertão in Brazilian literature and the use of fantasy as a literary device. The specific objectives include: conceptualizing the sertão in literature, analyzing its representation in *Sertão Encantado*, discussing the role of geographic descriptions in the construction of stereotypes, and exploring the impacts of sertanista works on local culture. As an academic contribution, this research hopes to broaden understanding of the relationship between literature and narrative space, as well as to value sertanejo identities, promoting a broader and more inclusive perspective on this region.

Keywords: Sertão; Brazilian literature; space.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: UM BREVE HISTÓRICO DA DESCRIÇÃO DO ESPAÇO SERTANEJO NA LITERATURA BRASILEIRA.....	14
CAPÍTULO 2: A DESCRIÇÃO DO SERTÃO COMO ESPAÇO DE CONFLITOS NA LITERATURA BRASILEIRA.....	19
CAPÍTULO 3: COMO A DESCRIÇÃO DE UM ESPAÇO PODE CONTRIBUIR PARA A SIMBOLOGIA ESTEOROTIPADA DA IDENTIDADE CULTURAL DE UM POVO?.....	23
CAPÍTULO 4: A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO SERTANEJO NA OBRA SERTÃO ENCANTADO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco principal abordar como o sertão é descrito na literatura brasileira. Para isso, utilizaremos como objeto de estudo a obra *Sertão Encantado*, do escritor José Paraguassu, e analisaremos como a obra cria um olhar de encantamento e fantasia, visto que essa região brasileira é, na maioria das vezes, associada a cenários de seca em que predominam o sofrimento humano. Sendo assim, falar sobre esse lugar com um olhar de encanto e fantasia rompe com a visão tradicional do imaginário sobre o sertão e revela um universo novo na literatura convencional sobre essa temática.

José Paraguassú Martins Cronemberger Reis nasceu em 6 de março de 1955 na cidade de Floriano, no estado do Piauí. Ele é poeta, compositor, cantor, escritor e produtor cultural. Faz parte da Academia de Letras e Belas Artes de Floriano e Vale do Parnaíba (ALBEARTES); do Clube dos Poetas Mortais e da Associação Brasileira de Musicais e Artes. Tem desenvolvido inúmeros projetos e buscado parcerias que ajudam a destacar o nome de sua cidade e suas obras para o restante do Brasil e do mundo. Suas produções são voltadas para a cultura nordestina, demonstrando um sentimento de pertencimento e evidenciando a cultura, o amor pela natureza e os costumes característicos da região Nordeste.

A obra *Sertão Encantado* foi publicada pelo próprio autor, José Paraguassu, em 2023, na cidade de Floriano, e tem como principal temática o sertão, descrevendo em versos e prosas os costumes, tradições e, principalmente, as riquezas naturais do Nordeste.

Discutir sobre o sertão na obra de José Paraguassú justifica-se pelo fato de o sertão ser um tema recorrente na literatura brasileira, sendo retratado de diversas formas ao longo dos séculos. O imaginário coletivo sobre essa região do país é marcado por estereótipos e preconceitos, muitas vezes relacionados à pobreza, seca e violência. No entanto, o sertão também é um espaço de encantamento e fantasia, repleto de histórias e mitos que permeiam a cultura popular. Foi com o intuito de explorar essa perspectiva pouco abordada sobre o sertão que escolhi como tema de pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso a obra *Sertão Encantado*, do autor brasileiro José Paraguassú.

Este livro apresenta uma narrativa que mescla elementos da realidade sertaneja com elementos fantásticos, criando um universo mágico e encantador. Ao dedicar-mos ao estudo desta obra, percebemos que ela não apenas retrata o sertão como um espaço geográfico, mas também como um lugar simbólico e imaginário, cheio de encantos e mistérios. Com isso,

pretendemos analisar como o autor utiliza a fantasia para desconstruir os estereótipos e preconceitos associados ao sertão, apresentando uma visão mais ampla e poética sobre essa região. Além disso, a escolha deste tema se dá pela relevância de discutir a importância da literatura na construção de imagens e representações sobre determinados lugares e culturas.

A partir da análise da obra de Paraguassú, buscaremos compreender como a literatura pode ser uma ferramenta de resistência e valorização das identidades sertanejas, rompendo com visões estereotipadas e ampliando o olhar do leitor sobre essa região. Por fim, acreditamos que este estudo pode contribuir para a valorização da cultura sertaneja e para uma reflexão sobre a importância de ressignificar as representações sobre o sertão. Esperamos, assim, trazer uma contribuição acadêmica relevante para a compreensão da literatura brasileira e sua relação com o espaço narrativo.

Sendo assim, a pesquisa estabeleceu como problema de pesquisa: Como a obra *Sertão Encantado* transforma o sertão em um espaço de encantos e fantasia? E como objetivo geral: identificar como *Sertão Encantado* transforma o sertão em um espaço de encantamento e Fantasia. Para alcançar o objetivo geral, os objetivos específicos serão: conceituar como o sertão é descrito na literatura brasileira; analisar como *Sertão Encantado* apresenta o sertão; discutir como a descrição de um lugar pode influenciar na construção de uma visão estereotipada de uma sociedade e analisar quais impactos as obras sertanistas têm na cultura sertaneja.

O presente estudo consiste em pesquisa aplicada de caráter descritivo e exploratório, que visa identificar como *Sertão Encantado* transforma o espaço do sertão em um lugar de encantamento e fantasia, subvertendo a visão tradicional do cenário sertanejo apresentado nas principais narrativas literárias brasileiras que tem como temática este cenário. Nesse sentido, os resultados serão apresentados de forma qualitativa, a partir da coleta de informações de fontes secundárias, incluindo artigos, obras, e análise de outros autores, teóricos e críticos literários discutem tanto a representação do sertão na literatura brasileira, quanto o uso da fantasia como recurso literário.

Esta pesquisa possui caráter bibliográfico e utilizou obra *Sertão Encantado* (2023) como principal aporte teórico, juntamente com os estudos *Literatura e Sociedade* e *Formação da Literatura Brasileira*, de Antônio Cândido e *Literatura e Resistência*, de Alfredo Bosi. Além disso, foram considerados outros estudos devidamente referenciados ao final do trabalho.

Este trabalho foi distribuído em quatro capítulos. O primeiro intitulado: *Um breve*

Histórico da Descrição do Espaço Sertanejo Na Literatura Brasileira, que descreve como o sertão é representado nas principais obras literárias brasileira. O segundo capítulo, *A descrição do Sertão Como Espaço de Conflitos Na literatura Brasileira*, aborda como as obras sertanistas narram o sertão predominantemente como sendo um lugar de conflitos sociais e sofrimento humano. O terceiro capítulo, *Como a Descrição de Um Espaço Pode Contribuir Para a Simbologia Esteorotipada da Identidade Cultural de Um Povo?*, discute as consequências das narrativas que majoritariamente descrevem o cenário sertanejo de forma hostil e habitado por pessoas em vulnerabilidade social. Por fim, o quarto capítulo, *A Representação do Espaço Sertanejo Na Obra Sertão Encantado*, analisa como José Paraguassú descreve o cenário sertanejo e subverte a visão tradicional do sertão brasileiro.

CAPÍTULO 1: UM BREVE HISTÓRICO DA DESCRIÇÃO DO ESPAÇO SERTANEJO NA LITERATURA BRASILEIRA

Neste capítulo serão apresentados como diferentes autores conceitua o sertão brasileiro, para isso iremos percorrer sobre os primeiros escritos em território brasileiro sobre o tema sertanejo até a contemporaneidade. Isso se faz necessário para analisarmos posteriormente como *Sertão Encantado* (2023) do autor Piauiense José Paraguassú transforma esse mesmo espaço em um lugar de encantamento e fantasia, subvertendo a visão tradicional do ser sertanejo e das demais nuances envolvendo o sertão brasileiro.

O cenário sertanejo no contexto geográfico brasileiro é geralmente descrito como terras afastadas do litoral e dos grandes centros urbanos. Este território corresponde a partes dos estados localizados na região nordeste e parte do estado de Minas Gerais. Embora a maior área do sertão seja localizada nos estados da região Nordeste, nenhum estado brasileiro é inteiramente dentro dele. Ou seja, cada estado possui apenas partes dessa sub-região em seu território, o que torna o sertão bastante diversificado quanto a suas características geográficas, sociais e culturais.

No início da colonização portuguesa no Brasil, o termo “sertão” era usado para denominar terras desconhecidas e que ainda não tinham sido exploradas pelos colonizadores. O fato é que a palavra “sertão” envolve diversos significados, o que gerou inúmeras narrativas voltadas para esse cenário, com suposições e descrições de fragmentos desse espaço geográfico nas obras literárias brasileiras.

Sobre a construção do espaço para a narrativa literária, Moraes (1988) defende que as formas como as pessoas organizam e valorizam o espaço ao seu redor são importantes para a produção do mundo em que vivemos. Isso envolve a maneira como as pessoas trabalham na terra e as ideias que têm sobre o lugar em que vivem. Moraes (1988) explica que, para entender melhor esse outro mundo, é preciso entender que existem coisas que fazem parte da nossa mente e dos nossos pensamentos, levando-nos até imaginação e criatividade.

Assim, o espaço na literatura brasileira tem sido responsável por transmitir uma visão representativa e muitas vezes diferente ou idealizada da realidade cultural do povo brasileiro desde o início da colonização europeia no Brasil. O primeiro texto que se tem conhecimento produzido em território brasileiro é *A Carta de Pero Vaz de Caminha* (1500). Na qual descreve o território conquistado como sendo um lugar exótico, habitado por povos selvagens. Em outras palavras, não capturava a complexidade cultural e social dos povos originários.

Essa visão precisou ser ressignificada após o fim do domínio português no país, momento que foi necessário criar uma nova identidade para o Brasil enquanto nação independente. Foi nesse contexto que surgiram obras como *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865) do autor José de Alencar com o intuito de construir uma identidade nacional na qual o índio e a natureza eram exaltados, ganhando o papel de símbolo da nação brasileira e subvertendo a imagem do início da colonização portuguesa que retratava o país como sendo um território sem civilização. José de Alencar descreveu o cenário de tais obras como algo belo e idealizado para construir um lugar imaginário de fantasia e encantos.

Nessa época, o sertão foi ganhando espaço na literatura brasileira, trazendo uma narrativa voltada para a realidade rural e brasileiros comuns. A primeira obra brasileira com a temática voltada para o espaço do sertão foi *O Sertanejo* (1875), também de José Alencar, a narrativa descrevia como personagem principal Arnaldo, e o representava como sendo um herói sertanejo com coragem e bravura, vivendo em um ambiente de grandes dificuldades.

Schuller (1989) afirma que esses romances tratam da história do Brasil após a independência, destacando a luta pela autonomia contra os europeus. O autor José de Alencar valoriza muito a natureza selvagem e considera importantes figuras como o índio, o gaúcho e o sertanejo por ser parte da nossa terra sem influência estrangeira. Nosso romance desenvolve-se depois da independência, comprometendo-se ideologicamente com a defesa da autonomia contra a antiga metrópole europeia. A natureza selvagem era o que tínhamos de mais nosso, na opinião de José de Alencar, para opor a civilização europeia. O romancista exalta tanto o índio como o gaúcho e o sertanejo por lhe serem produto da terra não contaminada.

Ao compararmos o espaço das duas primeiras obras de Alencar aqui citadas, *O Guarani* e *Iracema*, com a narrativa de *O Sertanejo* podemos perceber a diferença quando se descreve o cenário, nas duas primeiras o espaço é belo e com riquezas naturais enquanto em *O sertanejo* que tem como cenário principal o sertão, embora o personagem seja apresentado como um herói sertanejo, seu espaço era um lugar de hostil com terras áridas e com inúmeras dificuldades. Essa é a primeira apresentação do sertão brasileiro na literatura brasileira.

Embora o sertão a temática sertaneja tenha sido abordada inicialmente na literatura brasileira no início do século XIX, mais especificamente no romantismo brasileiro, período em que os personagens e espaço literários eram idealizados com o intuito de criar uma simbologia nacional, o sertão propriamente dito não era o foco da obra literária. Foi somente no regionalismo e pré-modernismo, período literário que ocorreu no final do século XIX e

início do século XX que o sertão ganhou destaque na literatura brasileira com obras em que predominavam cenários sertanejos cercados por lutas e resistências de um povo que viviam predominantemente em condições de vidas de extremas dificuldades, em ambientes de seca e desigualdades sociais.

A obra que mais se sobressaiu nessa época foi *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, que narra o sertão no contexto da Guerra de Canudos, um conflito histórico que ocorreu no sertão baiano no final do século XIX. *Os Sertões* narra de forma descritiva o espaço do sertão da Bahia descrevendo-o como sendo um lugar em que seus habitantes viviam em condições de vida precária e mostrando as diferenças entre os ricos donos de terras, os moradores dos litorais e os moradores do sertão. *Os Sertões* é a primeira obra literária brasileira que penetra profundamente no sertão brasileiro levando novas nuances do vasto território nacional para o centro das narrativas sobre a nacionalidade brasileira. Sobre esse período Arinos (1968) afirma:

Até aqui, só eram brasileiros os habitantes das grandes cidades cosmopolitas do litoral; até aqui, toda a atenção dos governos e grande parte dos recursos dos cofres públicos eram empregados na imigração ou no tolo intuito de querer arremedar instituições ou costumes exóticos. (...) E essa força, que assim apareceu, há de ser incorporada à nossa nacionalidade e há de entrar nesta como perpétua afirmação da mesma nacionalidade. Ela há de, assimilada pela civilização, assegurar nossa independência, impondo-nos ao respeito das nações estrangeiras (p. 645).

Ademais, no modernismo, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, o espaço sertanejo passou a ser incluído na literatura e citado como símbolo de brasilidade e com a mesma perspectiva de resistência do povo brasileiro. Em *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade o sertão faz parte da vasta extensão territorial brasileira, com um espaço físico retratado de forma mais literária do que realista.

Segundo Cândido (1970, p.73) "*Macunaíma* é a projeção do homem brasileiro numa dimensão mítica e alegórica, um símbolo da diversidade cultural do país". Para Candido, o livro expressa faz um resumo crítico da brasilidade, ao unir elementos cômicos, trágicos e grotescos em uma narrativa fragmentada e inovadora.

O apogeu do sertão na literatura brasileira foi no realismo moderno com a publicação de *Grande Sertão: veredas* (1956) do autor Guimarães Rosa em que descreve o sertão como sendo um lugar de lutas e complexidade humana. Essa é uma das obras mais conhecida mundialmente, sua relevância dar-se pelo o fato dessa narrativa trazer inúmeras contribuições

para a produção literária, como o estilo linguístico que aproxima o leitor da variação linguística sertaneja desafiando as normas padrão da língua portuguesa e abrindo assim, novas possibilidades para a expansão do idioma português.

Sobre a linguagem criada por Guimarães Rosa, Candido 1963 afirma que “A língua do sertão, recriada por Rosa, é ao mesmo tempo universal e particular, revelando o potencial infinito da literatura brasileira” (p. 95). *Grande Sertão: veredas* traz em sua linguagem uma descrição filosófica, desafiando a percepção do leitor reflexivamente sobre a existência humana. Nesse contexto o sertão é retratado em *Grande Sertão: veredas* como um universo de mistérios e grandes desafios. Esse romance consagrou Guimarães Rosa como um dos maiores escritores brasileiro e colocou o Brasil em posição de destaque na literatura mundial.

Na literatura contemporânea o sertão passou a ser retratado como espaço de conflitos moderno, ganhando assim formas de representações com temáticas atuais como as questões ambientais, o êxodo rural e a urbanização são algumas delas.

A autora Conceição Evaristo traz em algumas de suas obras questões vivenciadas por seus personagens decorrentes do sertão. Em *Ponciá Vicêncio* (2003) a jovem Ponciá deixa o interior em busca de melhores condições de vida na cidade grande. Em *Becos da Memória* (2006) os personagens também são de origem sertaneja e migraram para cidade. Sob uma comunidade pobre e marginalizada, *Becos da Memória* mostra o cotidiano de personagens que vieram e ainda vive em cenários de grandes lutas para sobrevivência humana, descrevendo-os como símbolo de resistência. Tanto em *Ponciá Vicêncio*(2003) quanto em *Becos da Memória* (2006), a autora não coloca exclusivamente o sertão no foco de suas narrativas e sim questões decorrentes de temas relacionados com o mesmo, como a migração, as raízes culturais e as memórias do interior sentida pelos seus personagens demonstrando a resistência e o impacto da vivência sertaneja em suas trajetórias. O fato é que o sertão está continuamente representado nas diferentes obras como um lugar de significado oposto a paz e prosperidade.

Podemos perceber que no decorrer dos séculos a produção literária brasileira se constitui por espaços idealizados e vistos pela ótica da imaginação de como seria um determinado espaço ou grupo social, não correspondendo de fato a realidade majoritária de determinada cultura. Sobre a produção do romance brasileiro no que se refere ao espaço literário Lanni (1992) se coloca da seguinte forma:

Acontece que a nação é real e imaginária. Localiza-se na história do pensamento. Está no imaginário de uns e de outros: políticos, escritores,

trabalhadores do campo e da cidade, brancos, negros, índios e imigrantes, cientistas sociais, filósofos e artistas. E seria muito outra, se não se criasse de quando em quando, na interpretação, fantasia, imaginação (p.08).

Conforme apresentado ao decorrer deste capítulo, foi possível perceber as nuances ligada ao cenário sertanejo em diferentes obras brasileiras. Assim, é possível ter uma visão geral, de modo a dar suporte à análise de como o sertão vem sendo descrito na literatura brasileira e é a partir dessa análise que podemos observar como sertão encanto diverge dessas narrativas quando se fala do sertão que é o foco principal da presente pesquisa e que será validada de forma mais profunda nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2: A DESCRIÇÃO DO SERTÃO COMO ESPAÇO DE CONFLITOS NA LITERATURA BRASILEIRA

O sertão é um cenário bastante citado na literatura brasileira, na sua maioria a descrição do mesmo é feita com diversos elementos significativos, e com descrições que não inferem um lugar de encantos. Podemos observar isso em uma das principais obras sobre o sertão do autor Guimarães Rosa, *Grande Sertão: veredas*, que traz em sua narrativa trechos que descrevem o sertão como um lugar de conflitos. Ao iniciar a leitura de *Grande Sertão: Veredas*, percebemos logo nas primeiras páginas onde encontramos as seguintes narrativas sobre o sertão “O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão” (2019 p.13) "o sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!" (2019 p. 21). Estes trechos descrevem o sertão como um local em que predomina a violência, despertando no imaginário do leitor a ideia de que o sertão é um lugar violento e que constantemente se tem conflitos mortais, e isso é descrito como algo natural para os moradores do sertão.

Diante disso, é válido ressaltar que o sertão brasileiro é uma área de aproximadamente 900.000 mil quilômetros de extensão territorial que abrange vários estados da região Nordeste e parte do estado de Minas Gerais, o ser descrevê-lo é composto por inúmeras riquezas naturais e culturais, além de uma rica biodiversidade decorrente do seu vasto território e que nos faz refletir sobre como seria difícil descreve-lo com uma única característica, no caso aqui citado de que seria um lugar de conflitos frequentes.

Sobre as desigualdades sociais e os privilégios vivenciados por um seletivo grupo de pessoas Barro (2023) afirma:

É importante sublinhar que a constatação de uma sociedade pautada por privilégios econômicos e políticos não é particularidade apenas das regiões interioranas do país; pelo contrário, essas formas insidiosas de sociabilidade e mandonismo são facilmente vivenciadas, também, nos centros urbanos (p.07).

No que se refere ao modo como uma obra literária é criada Moraes (1988 p.23) explica “Sem dúvida, as formas criadas permitem uma leitura enquanto símbolo de uma cultura e uma época. Elas exprimem concepções e mentalidades, são construções impostas à natureza”.

Outra obra que traz em sua narrativa o espaço do sertanista é *Os Sertões*, de Euclides da Cunha que também aborda conflitos entre seus personagens. O autor produz um enredo com características jornalísticas em um conflito que ocorreu no sertão baiano entre os anos de 1896 e 1897 entre o exército brasileiro e a comunidade denominada Canudos, liderada por Antônio Conselheiro. Canudos era visto como ameaça para as autoridades da época que tinham estabelecido recentemente um modelo de República no Brasil. A narrativa de *Os Sertões* descreve a geografia do sertão e o sertanejo com suas dificuldades em um cenário pouco favorável para a sociedade sertaneja, o que reforça no imaginário do leitor de que o sertão é um lugar conflitante.

Na perspectiva de Cândido (1993) O romance brasileiro regionalista mostra a luta do homem contra as dificuldades do ambiente, como um reflexo das desigualdades e da resistência. Nesse sentido a literatura regionalista, quando se refere ao sertão foca principalmente nos conflitos e desigualdades sociais vivenciadas no cenário sertanejo e deixando de lado outras possibilidades de narrativas voltadas para o encantador e o orgulho ao pertencimento.

Mesmo quando se fala na força do sertanejo, o que para alguns pode ser uma descrição que os valoriza, nos leva a imaginar num cenário de dificuldades, porque se há necessidade de se usar a força é porque conseqüentemente deve haver um confronto para ser enfrentado.

Sobre essa descrição transmitida por Euclides da Cunha do povo do sertão, Vicentine (2007) afirma “Euclides defende o sertanejo, sim, mas fala por ele, explica-o, interpreta-o e a sua terra e a luta por parâmetros seus, de homem da cidade, do litoral, do mar, homem de ciência, ex-militar e jornalista.” Nessa perspectiva sertão e sertanejo é visto a partir da realidade criada pelo narrador, não sendo de fato o que ambos representam.

Na visão de Paraguassú (2023) “O sertão não tem só seca, miséria e sofrimento. O sertão é muito rico com seus costumes, tradições, fé e amor às suas crendices e à sua cultura popular” (p.21).

No contexto de conflitos, envolvendo narrativas de sofrimento humano vivenciadas pelo povo sertanejo, outra obra bastante conhecida é *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, romance denominado regionalista, publicado em 1938, traz em seu enredo, lutas sociais envolvendo lutas pela sobrevivência em um lugar de seca e pobreza extrema. Protagonizado por uma família composta por um casal, dois filhos e uma cadela, que embora seja um animal de estimação ganha bastante destaque por ser apresentada de forma mais humanizada do que

os demais membros da família. A narrativa retrata inúmeros desafios enfrentados pelos personagens e a falta de perspectivas em dias melhores para os protagonistas.

Segundo Cândido (1963) a condição sub-humana em que os personagens de *Vidas Secas* vivem, é simbolicamente representada através de sua relação com o ambiente. A falta de diálogo entre os eles e o mundo que os cerca reflete a aridez não apenas do sertão, mas da própria existência humana em condições de extrema pobreza e exclusão. Cândido (1963) ainda destaca a forma como a cadela Baleia, por meio de sua humanização e sentimentos demonstrados, contrasta com a desumanização dos personagens humanos. Esse recurso, segundo ele, amplia a carga simbólica da obra, ao mostrar que, muitas vezes, o afeto e a subjetividade estão mais presentes em Baleia do que em personagens humanos como Fabiano e Sinhá Vitória, endurecidos pela opressão social.

Ariano Suassuna narra os embates conflitantes entre a pobreza e a espiritualidade em *O Auto da Compadecida*. Uma publicação de 1955 e muito conhecida atualmente, a peça que mistura diversos gêneros, entre eles estão o cordel, teatro popular e a comédia, evoluiu para o cinema e televisão. A trama envolve temas relevantes vivenciados pelos personagens habitantes de uma pequena cidade no sertão nordestino e rodeados por um cenário marcado por dificuldades sociais, violência, fome e religiosidade. Narrada em forma de humor e evidenciando a cultura nordestina, a obra faz uma crítica ao abuso de poder envolvendo os mais ricos e membros da igreja católica, a hipocrisia da elite em meio a inúmeras dificuldades enfrentadas pelos mais pobres.

Além das dimensões sociais e religiosas, a peça também explora um conflito existencial, especialmente em relação ao sentido da vida e a certeza da morte. Chicó, com sua constante covardia e seus questionamentos, representa o medo humano diante do desconhecido, enquanto João Grilo, com sua astúcia, enfrenta as adversidades com criatividade.

No entanto, até mesmo João Grilo se depara com a morte como um desafio inescapável. Sua redenção no julgamento celestial não ocorre por mérito, mas pela intercessão da Compadecida, refletindo a visão de Suassuna sobre a precariedade da condição humana e a necessidade de compaixão. Para Alfredo Bosi, “o conflito existencial em Suassuna une o trágico e o cômico, revelando a luta do homem simples contra as forças que escapam ao seu controle” (Bosi, 1992, p. 217).

Continuando com o tema de sofrimento no cenário sertanejo, mais uma obra narra essa característica predominante do sertão na literatura brasileira, *O Quinze*, publicada em 1930

por Raquel de Queiroz, descreve a temática da seca de 1915 ocorrida no sertão cearense, narrando histórias de personagens e citando o que eles tinham em comum, as lutas para sobreviver em cenário de natureza devastada e consequentemente acompanhada por miséria e injustiças sociais sofridas pelos moradores daquela região. O *Quinze* consolidou Raquel de Queiroz na literatura brasileira e sua obra tornou-se relevante no fato de chamar atenção para as condições de vida vivenciadas pelo sertanejo na seca de 1915 e conhecida popularmente pela seca de quinze.

Bosi destaca “Rachel de Queiroz, com *O Quinze*, inaugura um ciclo de romances que aliam a denúncia das injustiças sociais ao lirismo da narrativa sertaneja, revelando as contradições da seca e da pobreza no Nordeste brasileiro” (p. 339).

A descrição do sertão como espaço de conflitos na literatura brasileira revela não apenas uma paisagem geográfica, mas um cenário simbólico de resistência, desigualdade e identidade. Ao longo do capítulo, foram analisadas as maneiras como escritores de diferentes épocas e contextos representaram o sertão, ora como espaço de exclusão e adversidade, ora como território de luta e potencial transformação social. Contudo o que é comum em todas essas narrativas é a predominância conflitos sociais decorrente do meio em que os personagens vivem, no caso o sertão brasileiro.

Narrar o sertão como um lugar de conflitos tem consequências significativas para a compreensão da realidade do povo sertanejo. Ao longo deste trabalho, foi possível observar que, embora os conflitos sejam elementos recorrentes nas representações literárias, eles não se limitam à luta contra as adversidades naturais. Esses embates também refletem desigualdades históricas, tensões sociais e a resistência cultural dos sertanejos.

A literatura, ao destacar o sertão como espaço de conflitos, acaba por reforçar estereótipos que podem reduzir a complexidade da experiência sertaneja. Por outro lado, ela também exerce um papel essencial ao denunciar as condições precárias de vida e a exclusão enfrentadas pelas populações do sertão, sendo assim não queremos criticar aqui tais obras, até porque esses escritores conseguem equilibrar essas representações ao dar voz à resiliência e às narrativas de superação do povo sertanejo. O que queremos, é trazer uma reflexão de como essas narrativas em que predominam um modo único descrever a sertão e seu povo pode contribuir para a disseminação de um pensamento coletivo.

CAPÍTULO 3: COMO A DESCRIÇÃO DE UM ESPAÇO PODE CONTRIBUIR PARA A SIMBOLOGIA ESTEOROTIPADA DA IDENTIDADE CULTURAL DE UM POVO?

Neste capítulo serão apresentados conceitos de diferentes autores de como a descrição de um espaço na narrativa literária pode influenciar na simbologia de uma determinada cultura ou sociedade. É o espaço que desempenha um papel importante na construção simbólica de identidades culturais e sociais na literatura. Por meio da descrição geográfica e das imagens associadas a determinados locais, os autores frequentemente reforçam ou questionam estereótipos culturais. Esse processo pode tanto perpetuar visões significativas de uma sociedade quanto desafiar noções preexistentes, introduzindo novos significados. Por outro lado, a mesma literatura pode cristalizar estereótipos e simbologias, ela também carrega o potencial de desconstruí-los, oferecendo narrativas alternativas que promovem uma maior compreensão da pluralidade cultural.

Conforme Bachelard (1994), o espaço na literatura não é um cenário neutro, mas uma extensão simbólica dos valores, medos e desejos humanos. Ele afirma que “o espaço narrativo é a casa do imaginário; por meio dele, construímos significados para o mundo real” (p. 57). Essa construção simbólica, contudo, pode ser manipulada para reforçar características associadas a uma sociedade, muitas vezes limitando sua complexidade e diversidade.

Na literatura em geral, o narrador descreve sua visão sobre o espaço narrado mesmo quando esse não é o objetivo da narrativa, tal abordagem pode construir simbolicamente uma visão única ou até mesmo contrária de um lugar ou cultura ao qual se relata algo. O sertão brasileiro foi descrito inúmeras vezes na literatura com um olhar regionalista na percepção dos autores que as descreveram, conseqüentemente criou-se no imaginário popular uma visão de que o sertão é um lugar predominantemente de pobreza e conflitos, deixando de lado outras nuances do vasto território do sertão brasileiro como também seu povo e sua cultura, que é representado na maioria das narrativas literárias de forma precária. Se tratando de regionalismo e da visão que essa escrita repassa Raymond Willians (2014) afirma:

E o que é notável, na questão da discriminação cultural, é a contínua discriminação de certas regiões nesse sentido limitado de “regional”, que só pode ser retida se outras regiões não forem vistas dessa forma. Ela é, por sua vez, uma função da centralização cultural, uma forma moderna de discriminação entre o campo e a cidade, e está intimamente vinculada à distinção entre cultura “metropolitana” e “provincial”, que se tornou significativa a partir do século XVIII (p.300).

Nessa perspectiva o sertão vem sendo discriminado na maioria das obras literárias brasileiras, criando uma imagem distinta entre os grandes centros urbanos e o campo. Embora o autor não esteja falando do regionalismo brasileiro, sua percepção de visão sobre o regionalismo condiz com o que ocorre na literatura brasileira quando se fala em narrativas que predominam o espaço do sertão, ao qual sempre se atribui características em que favorecem os lugares opostos ao sertão.

Candido (2006) argumenta que essa perspectiva contribui para a cristalização de uma identidade estereotipada, reduzindo a diversidade cultural e histórica do sertão. “Ao representar o sertão apenas como palco de adversidades, a literatura ignora as múltiplas narrativas de resistência, criatividade e prosperidade que também definem essa região” (p. 112).

A visão estereotipada decorrente de inúmeras narrativas descrevendo o cenário sertanejo e seus habitantes de forma rude e precária resulta preconceitos relacionados a essa sociedade e provocando uma visão distorcida, principalmente quando se fala na região nordeste do Brasil.

Tal visão pode ser observada na obra *A Hora da Estrela* (1977), de Clarice Lispector, é uma narrativa relevante que explora a condição de exclusão e marginalidade de sua protagonista, Macabéa. A jovem nordestina é apresentada como um símbolo do anonimato e da invisibilidade social, temas que atravessam a narrativa do início ao fim. Em um contexto urbano hostil, Macabéa personifica o preconceito e as dificuldades enfrentadas por migrantes nordestinos no Brasil.

Desde o início, o narrador Rodrigo S. M. nos alerta para a insignificância de Macabéa, referindo-se a ela como "uma moça que era datilógrafa e virgem e mísera e nordestina e não sabia que era assim" (p. 11). Essa descrição inicial não apenas resume sua condição de desamparo, mas também destaca a forma como a sociedade a reduz a um conjunto de características pejorativas, negando-lhe subjetividade.

A representação de Macabéa vai além do simples retrato de uma personagem humilde; ela é uma figura que incorpora a questão do preconceito estrutural. Ao chegar ao Rio de Janeiro, ela é confrontada com uma realidade onde sua origem é estigmatizada e sua presença é ignorada. Como afirma Lúcia Helena (1987), "Macabéa é uma metáfora da mulher pobre e nordestina, cuja identidade é sistematicamente apagada em um ambiente que privilegia o progresso e a aparência" (p. 34).

Um dos aspectos mais marcantes da narrativa é a alienação de Macabéa. Ela se refugia em pequenas futilidades, como seu fascínio por um programa de rádio e seu consumo de Coca-Cola, que simbolizam seu desejo de pertencer a uma cultura que não a acolhe. O narrador, em tom irônico, observa: "Ela não sabia que estava infeliz. Achava que tudo era normal" (p. 27). Essa passividade revela não apenas a condição de Macabéa, mas também a indiferença de uma sociedade que perpetua a desigualdade.

No desfecho da obra, a morte de Macabéa é carregada de um simbolismo cruel. Atropelada por um carro de luxo, sua existência é abruptamente encerrada, sem que sua presença tenha sido notada ou valorizada. Para o narrador, "sua vida fora um deserto" (p. 85), evidenciando o ciclo de exclusão e apagamento que marcou sua trajetória.

Em *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector oferece um retrato incisivo de uma sociedade desigual, expondo o preconceito contra migrantes nordestinos e a desumanização dos mais vulneráveis por parte da sociedade dominante. A representação de Macabéa vai além do particular se tornar um emblema universal de luta e resistência silenciosa.

A ideia do sertanejo como um sujeito rústico e atrasado foi amplamente disseminada por obras que o retrataram de maneira pejorativa ou reducionista. Segundo Alfredo Bosi (1994), o sertão e o sertanejo eram vistos, na literatura romântica brasileira, como símbolos de um Brasil exótico e primitivo, prontos a serem domados pela civilização. Essa visão reforçava um dualismo entre litoral e sertão, onde o litoral era identificado com o progresso, e o sertão, com o atraso.

É válido ressaltar que a discriminação do sertanejo não é apenas uma questão de gosto cultural ou regional, mas também reflete desigualdades históricas e sociais vivenciadas pelos povos originários desse lugar. Enfrentar esse preconceito é um passo importante para construir uma sociedade mais justa e igualitária, e o fato do cenário sertanejo ser descrito majoritariamente como um lugar hostil e de pobreza extrema contribui para uma simbologia coletiva em que o sertão brasileiro é composto por características opostas ao desenvolvimento cultural e regional de uma sociedade.

Sobre a descrição do espaço e a criação da memória coletiva no decorrer do tempo Vicent Berdoulay e J. Nicholas Entrikin 2012 destaca que:

A especificidade espaço-temporal da experiência e da memória coletiva que vinculam os lugares molda-se bem de maneira narrativa. É por intermédio do relato que o sujeito organiza seus laços com o ambiente e com a coletividade a ponto de, para certos filósofos, a trama narrativa aparecer como estruturante na vida do sujeito moderno (p.109).

Pode-se observar que o cenário sertanejo quando é descrito na maioria das obras literárias brasileiras o sertão é caracterizado por lugares hostis em que predomina a fome e a miséria, o que faz com que seus personagens vivem em constante sofrimento decorrente do lugar onde mora. Tal visão repassada continuamente por essas narrativas faz com que se crie uma imagem majoritária de uma região sem nenhuma riqueza natural ou perspectiva de sobrevivência humana. Isso abre espaço para uma ideologia preconceituosa sobre o povo sertanejo e o lugar onde vivem transformando-os em uma sociedade infeliz em que predomina o sofrimento humano. Para Cândido (2010) "muitas narrativas sertanistas, ao tentar exaltar o homem do campo, acabam reforçando imagens idealizadas ou exóticas que, em vez de aproximar, distanciam o leitor da realidade social do sertão" (p. 152).

A descrição do espaço na literatura é uma ferramenta poderosa para moldar a simbologia de uma sociedade, podendo tanto reforçar estereótipos quanto transformá-los. Obras que mostram em suas descrições o espaço de forma mais rica e multifacetada desempenham um papel crucial na valorização de culturas e identidades locais. Assim, é necessário que críticos e autores reconheçam o impacto das descrições espaciais na formação de percepções culturais, promovendo narrativas mais inclusivas e representativas.

CAPÍTULO 4: A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO SERTANEJO NA OBRA SERTÃO ENCANTADO

A descrição do espaço na obra literária desempenha um papel relevante na construção da narrativa, sendo responsável por contextualizar acontecimentos ficcionais e psíquicos que enriquecem a complexidade da obra literária, dando a ela traços determinantes para a caracterização dos demais elementos da narrativa. É a partir da descrição desse espaço literário que podemos perceber como os elementos descritivos colaboram para a construção dos ambientes e sendo capazes de transferir ao leitor emoções diversas a depender do modo como os espaços são citados.

Por exemplo, para descrever um ambiente sombrio, o narrador pode descrever o espaço como um lugar escuro, sujo e abandonado. Ao contrário disso um ambiente que transmite paz e harmonia e descrito como um local iluminado, com uma natureza bela e cheio de elementos que remetem um lugar de encantos para trazer ao leitor uma imaginação de um local de paz. Além disso, o espaço é também responsável pela caracterização dos personagens; descrição do contexto histórico e cultural; a simbologia; tensões e conflitos existentes na obra, além de inúmeras outras funções do espaço. Sobre as inúmeras possibilidades do espaço na narrativa LINS (1976) aborda que:

“De modo algum procuramos, com os exemplos dados, estabelecer mesmo de longe uma tipologia do espaço; eles constituem uma ilustração das suas possibilidades; reforçam, simultaneamente, a importância que pode ter na ficção esse elemento estrutural e indicam as proporções que eventualmente alcança o fator espacial numa determinada narrativa, chegando a ser, em alguns casos, o móvel, o fulcro, a fonte de ação (...)” (pág.67).

Sertão Encantado (2023) é um livro com dezenas de poemas com temas diversos e situados no cenário sertanejo, sua narrativa traz um olhar de encanto para o povo e para a cultura interiorana do sertão. Contrapondo outras narrativas em que predominam conflitos e fome no sertão brasileiro, a obra transfere ao leitor costumes e tradições do nordeste em que mostram como os moradores dessa região vivem e como se sentem felizes e gratos por pertencerem a tal região. Podemos observar nos trechos a seguir como Paraguassú (2023) descreve-os:

SERTANEJO É FELIZ
Um dia desses

Fui fazer uma visita
 Pra lembrar
 Os costumes do sertão
 No mês de julho
 É tempo de vazante
 Fui recebido
 Com grande satisfação
 Um povo humilde
 De um coração enorme
 Coisa que nobre
 Anda longe de saber
 O que importa
 É que a alegria (pág. 230)

SÃO JOÃO NA ROÇA

Como é gostoso
 O São João na roça
 Tem milho verde e pipoca
 Aluá e quentão
 Fogueira acesa
 Muita brincadeira
 E a noite inteira
 Dando... Viva São João! (pág.223)

Diante disso, percebe-se que na obra *Sertão Encantado* a descrição do cenário é feita de modo que o mesmo seja visto como um lugar de encantos e harmonia com a natureza. Percebemos isso logo no prefácio da obra quando o autor diz que não nasceu no sertão e sim o sertão que nasceu dentro dele e que por onde ele for o sertão irá com consigo. Descreve o espaço imaginário de suas vivências no sertão quando passava suas férias escolares na infância e cita as mesmas como sendo um dos principais fatores que contribuíram para a criação da obra *Sertão Encantado* (Paraguassu, 2023).

Sertão Encantado descreve o espaço geográfico do sertão como um lugar que transborda costumes e tradições característicos do nordeste brasileiro, suas poesias e contos são narrativas voltadas para o cotidiano do sertanejo, um cotidiano que é descrito de tal modo que transcreve um sentimento de orgulho e pertencimento por parte do narrador. Ao aprofundarmos na leitura da obra percebemos que o narrador demonstra um sentimento de saudosismo de uma época que ficou na memória em forma de bons momentos, o que poderia ser sinônimo de pobreza e falta de progresso é transformado em tradições e riquezas naturais. Podemos analisar isto no poema *cacimba velha*:

CACIMBA VELHA

Cacimba velha
 Hoje eu me lembrei de ti
 Nunca te esqueci

Deu saudade o meu lembrar
 De quando eu ia buscar
 Água pra nós bebermos
 Não me esqueço do caminho
 Fechado de espinho
 Acho que pra te proteger
 A natureza é caprichosa
 Nasceu tanto pé de rosa
 Cada uma mais formosa
 Só pra enfeitar você
 De longe eu sentia o cheiro
 E era eu quem chegava primeiro
 Pra beber do teu viver
 A água mais gostosa
 Limpa, filtrada da rocha.
 Fazia até gosto beber
 Eu enchia as ancoretas
 No pino do meio-dia
 Era a hora que as cotias
 Também iam beber
 E naquele calorão
 Os bichos da região
 Faziam procissão
 Pra matar a sede em você...
 (Paraguassú, pág. 68)

Os espaços geográficos em *Sertão Encantado* são narrados na maioria das vezes como memórias do narrador, esses relatos são de lembranças boas, o que não deixa de lado trechos que demonstram as dificuldades vivenciadas pelos habitantes do sertão e questões sociais abrangentes na sociedade em geral, como é o caso da destruição ambiental causada pela ação humana. O fato é que o narrador enquanto sujeito preceptor desse espaço o vê como um lugar mágico no qual o cenário principal é natureza: a fauna e a Flora.

Sobre os modos que o narrador usa a fantasia associada as memórias na obra literária, Alfredo Bosi (2002) afirma que:

[...] o narrador trabalha a sua matéria de modo peculiar; o que lhe é garantido pelo exercício da fantasia, da memória, das potências expressivas e estilizadoras. Não são os valores em si que distinguem um narrador resistente e um militante da mesma ideologia. São os modos próprios de realizar esses valores (pág.123).

Assim como os protagonistas de qualquer roteiro passa por momentos bons e ruins, em *Sertão Encantado* na maioria das vezes o espaço, no caso a paisagem sertaneja, é vista como uma protagonista que passa por transformações significativas e essas transformações não passam despercebidas nos significados psicológicos do narrador e se tornando o elemento

principal da narrativa e responsável por transcrever em diferentes poemas a visão do espaço sertanejo de encantos e fantasia.

O lugar “sertão” na obra aqui citada pode ser vista como uma forma de resistência devido ao fato da mesma subverter a visão tradicional desse espaço descrita na maioria das literaturas sertanistas como um lugar contrário ao encanto. Nessa perspectiva Alfredo Bosi (2008) defende que:

A resistência é um momento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, desde ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições (pág.134).

Para Jeha (2001) “as manifestações literárias da fantasia são tidas, em geral, como maneiras de conhecer o mundo, mas talvez seja mais exato falar delas como representações de mundos que parecem possíveis para os autores”.

A transformação da narrativa de um espaço literário por um autor está diretamente ligada à capacidade de recriar imaginários, rompendo com visões e descrições tradicionais e instaurando novas perspectivas. Segundo Candido 2004 "a literatura tem o poder de reinventar espaços, atribuindo-lhes significados simbólicos e emocionais que transcendem sua materialidade" (p.116).

Essa reinvenção é essencial para desconstruir estereótipos e apresentar uma visão mais complexa de determinados locais. Por exemplo, na obra *Sertão Encantado*, de José Paraguassú, o autor transforma o cenário sertanejo brasileiro, geralmente associado a lugares predominado pela seca e sofrimento, em um espaço de fantasia e encantamento. Ele utiliza a literatura não apenas para descrever um espaço geográfico, mas para recriá-lo como um lugar simbólico, repleto de encantos e amor pelo sertão. Como aponta Silva 2018 "a recriação literária de um espaço não só desafia a percepção comum, mas também convida o leitor a reavaliar seus próprios preconceitos em relação ao lugar representado" (p.34).

Nesse sentido, o espaço literário deixa de ser um mero pano de fundo para se tornar um impulsionador ativo da narrativa, carregado de significados que dialogam com questões culturais, históricas e sociais. Essa transformação, conforme explica Lopes (2012, p. 78), "é um dos aspectos mais poderosos da literatura, pois permite que o leitor experimente o espaço de forma imaginativa, transcendendo as barreiras da realidade". Diante disso, a habilidade de um autor de transformar um espaço literário está associada ao uso de recursos simbólicos e

narrativos que ressignificam os lugares, oferecendo novas visões e ampliando o entendimento do leitor sobre a cultura e a identidade associadas a esses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar como o sertão é representado como um espaço de encantamento e fantasia na obra *Sertão Encantado*, de José Paraguassú, subvertendo a visão tradicional das narrativas que descrevem o espaço sertanejo brasileiro. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber como o autor desconstrói a visão tradicional do sertão, frequentemente associada à seca, pobreza e sofrimento humano, para apresentar um universo poético, mágico e repleto de significados culturais. Essa abordagem diferenciada rompe com os estereótipos enraizados na literatura brasileira e no imaginário coletivo, permitindo uma ressignificação do sertão como espaço simbólico e literário.

José Paraguassú utiliza recursos narrativos que combinam elementos da realidade sertaneja com traços do fantástico, criando um sertão encantado onde as riquezas naturais, as tradições e os costumes ganham novas dimensões. A obra evidencia, assim, a importância da literatura como instrumento de resistência cultural e de valorização da identidade nordestina, destacando o sentimento de pertencimento e a riqueza da cultura popular da região. Nesse sentido, a análise reafirma que a literatura não apenas reflete a realidade, mas também contribui para transformá-la, desafiando visões limitadas e estereotipadas sobre determinados espaços e sociedades. Este estudo reforça a relevância de se discutir o papel da literatura na construção e desconstrução de imaginários, destacando como obras como *Sertão Encantado* podem ampliar os horizontes do leitor e contribuir para uma percepção mais ampla e inclusiva sobre o sertão brasileiro. Além disso, a pesquisa aponta para a necessidade de valorizar e divulgar a produção literária que resgata as culturas locais, especialmente em tempos de crescente globalização e homogeneização cultural.

Por fim, espera-se que esta análise inspire novos estudos que abordem o sertão e outros espaços regionais sob diferentes perspectivas, ampliando a compreensão sobre a relação entre literatura, cultura e espaço geográfico. A obra de José Paraguassú, ao transformar o sertão em um lugar de encantamento e fantasia, revela o potencial transformador da literatura na valorização das identidades locais e na desconstrução de preconceitos, deixando um legado significativo para a cultura nordestina e para a literatura brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____, José de. **O guarani**. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____, José de. **O sertanejo**. 5. Ed. São Paulo, 1875

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: O Herói Sem Nenhum Caráter**. 35ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 2021.

ARINOS, Afonso. **Obra completa**. Rio de Janeiro: INL, 1968.

BACHELARD, G. (1994). **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes.

BARROS, Vinícius Victor Araújo. “*É pelo avesso que se chega ao direito*”. O princípio da reversibilidade em Grande Sertão: Veredas, uma leitura de Antonio Candido. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, v. 32, n. 2, p. 258-278, 2023.

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. (1992). **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei Dom Manuel I**. 1500. In: *Cartas do Brasil Colônia*. Organizado por João Lúcio de Azevedo. 5. ed. São Paulo: Editora Global, 2010.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 12.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

_____. **Formação da Literatura Brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.

_____. **A formação da literatura brasileira: Momentos decisivos**. 6ª edição. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

_____. **Dialética da malandragem**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 8, p. 67-89, 1970.

_____. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 7. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2010.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. [1901]. Círculo do Livro, Rio de Janeiro, 1975.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 2ª ed. São Paulo: Editora Malê, 2017.

_____. **Becos da Memória**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

HELENA, Lúcia. **Clarice Lispector: A escrita da paixão**. São Paulo: Ática, 1987.

JEHA, Julio. A semiose da fantasia literária. **Signótica**, v. 13, n. 1, p. 117-136, 2001.

LINS, O. **O Espaço Romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

LOPES, M. **Geografia literária: entre espaço e narrativa**. Porto Alegre: Universus, 2012.

MARTINS, José Paraguassú. **Sertão Encantado**. Edição do autor. Florianópolis, 2023.

MORAES, Antonio C.R. de. **Ideologias Geográficas**, Ed. Hucitec, São Paulo, 1988

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 65ª ed. São Paulo: José Olympio, 2019.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 175ª ed. São Paulo: Record, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 22. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHULLER, Donald. **Teoria e Romance**. Ed. Ática, São Paulo, 1989.

SILVA, R. **Representações do espaço na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Literária, 2018.

SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida**. 19ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

VICENTINI, A. O SERTÃO E A LITERATURA. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 1, n. 1, 2007.
Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1778>. Acesso em: 18 nov. 2024.